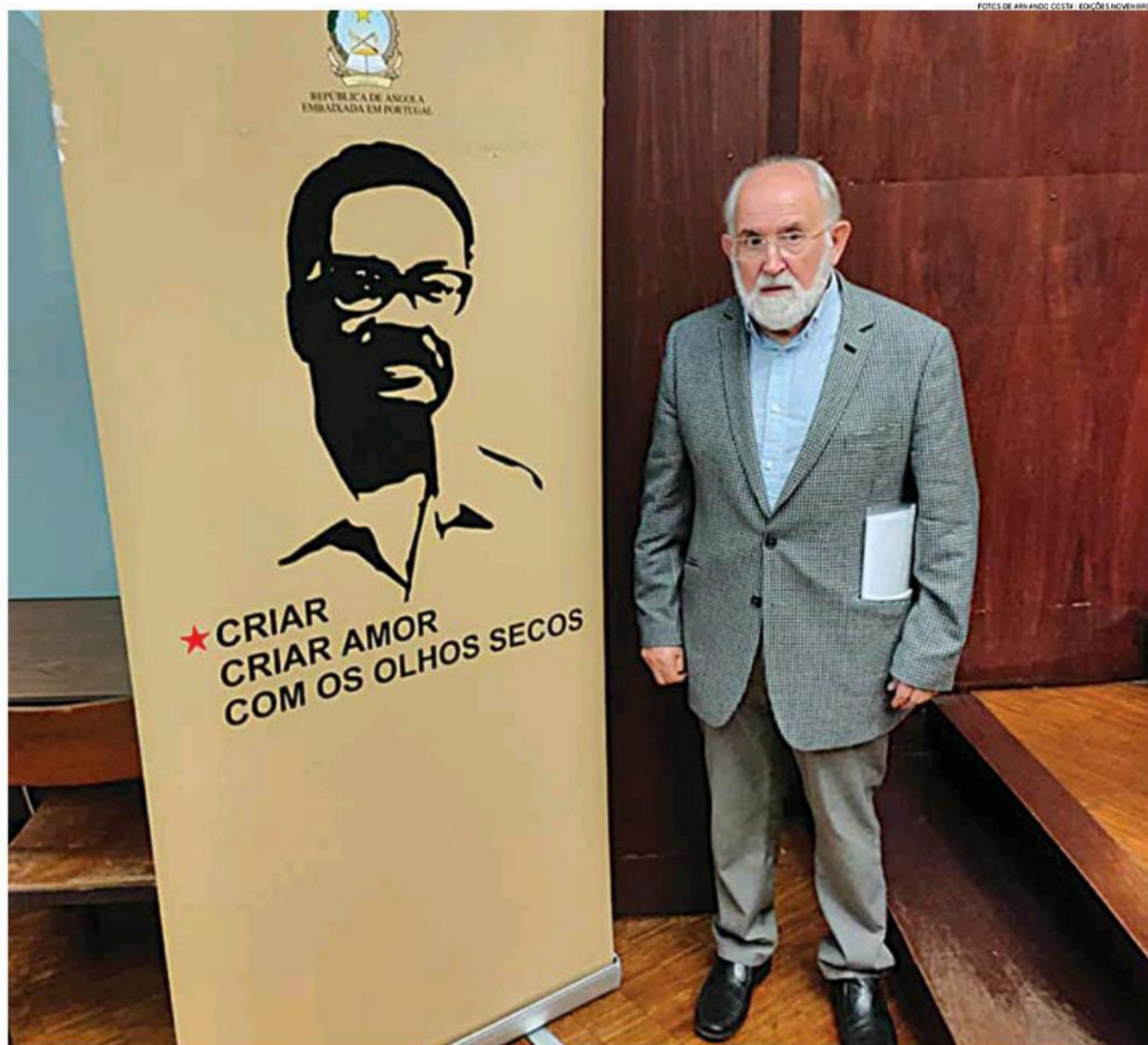


"Não podemos entender África sem as mulheres corajosas"

Poeta galego, Xosé Lois García Fernández pesquisa as literaturas africanas há décadas, estabelecendo diálogos entre diversas expressões (europeia, brasileira, asiática, guineense, angolana, moçambicana, etc.). Formado em Geografia e História pela Universidade de Barcelona, García desenvolve uma relevante obra no campo da crítica de arte e literária, além de um destacado trabalho de tradução de obras de Agostinho Neto e a Lao Tzé. Em entrevista, aborda o papel das literaturas africanas na emancipação dos povos, destacando o empenho das mulheres.





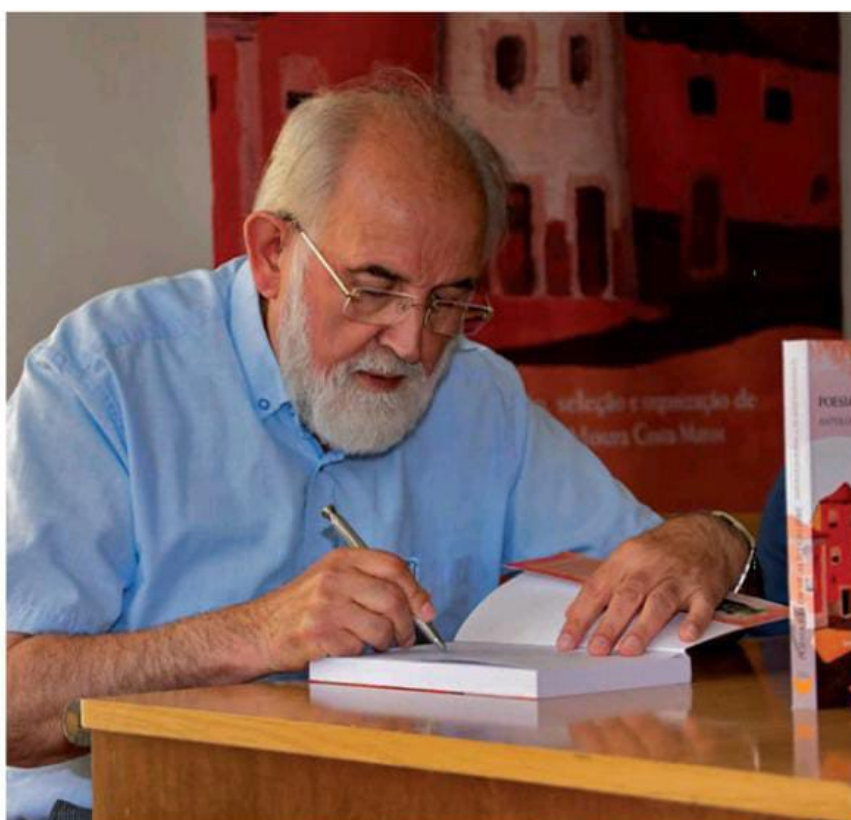
Cláudio Fortuna

C

omo é que avalia as literaturas africanas de língua portuguesa, neste momento?

Acho que cada uma das literaturas dos cinco países africanos de língua portuguesa manifestam processos diferentes, devido a contextos marcados pelas condições colonizadoras, dependentes de realidades económicas e culturais, entre outros sujeitos que podemos contemplar e no que hoje devemos detectar as diferenças entre uns países e outros da mesma língua, que manifestam diversos cenários. Um exemplo comparativo seria avaliar dois panoramas bem desiguais entre o que acontece com a actual literatura de Angola e da Guiné Bissau, em efeitos comparativos para verificar essa desigualdade entre duas situações muito bem diferenciadas por múltiplos sucessos. Portanto, o panorama neste momento, depois de mais de quarenta anos de independência dos cinco países, cada um deles procura a sua própria individualidade de descoberta como país soberano. Assim é que a sua literatura também é soberana na descoberta das essências e valores africanos que foram negados e desarticulados com violência, pelo domínio colonial. Portanto, a emancipação nacional contribuiu a procurar as raízes da autenticidade africana e a descobrir-se e normalizar-se em tudo aquilo que tinha sido depredado por tantas anomalias programadas e consentidas no que respeita à alienação colonial destes países. Quase em todos estes países, colonizados por Portugal, houve uma literatura virada a testemunhar situações infra-humanas, a enaltecer a cultura e tudo aquilo que estava sendo descodificado e menosprezado.

É o caso dos precursores....
Neste sentido, e só de passada, é bom lembrar aqueles escritores que bem podemos considerar precursores ou iniciadores da literatura nacional em cada uma das cinco nações em que se constata o sen-



OBRAS

Xosé Lois Garía já publicou diversos estudos sobre a literatura angolana, além de traduções e antologias poéticas

timento nacional. No caso de Angola, José da Silva Maia Ferreira, abre o ciclo de valorar a terra nativa, com o seu poemário, "Espontaneidades da minha terra" (1849). Depois deste autor aparecem poetas como, Cordeiro da Matta, Ernesto Marecos, que ainda sendo naturais de Portugal, a excepção de Maia Ferreira, nativo de Luanda e filho de colonos portugueses. Em narrativa aparece Alfredo Tironi, entre outros numerosos amadores de literatura que proclamaram a segunda metade do século XIX, como o início da literatura angolana e do corpus do que é hoje a imensa criatividade do que se passa com os autores angolanos. Nesta direcção, não podemos deixar de valorar o que tem acontecido com os escritores cabo-verdianos, uma das grandes literaturas do universo lusófono, como primórdio dos iniciadores e, mais tarde, deram resplendor à geração de "Claridade", só vários nomes bastam para significar essa grandeza. Como é o caso de Baltar Lopes, autor de "Chiquinho", Jorge Barbosa, passando por Luís Mariano e até chegar a Corsino Fortes, entre outras centúrias literárias que dignificam a produção literária do arquipélago cabo-verdiano, que serviu de ponte entre Portugal e Brasil, muito conectado com os movimentos literários destes dois países que serviram para dar o salto do que se

passava com as literaturas europeias e latino-americanas.

E a literatura da Guiné-Bissau?

A literatura da Guiné-Bissau não oferece condições para inventariar elementos que possam considerá-la como um bloco compacto do que se escreve nesta nação. Mas isto precisa da seguinte consideração: a Guiné-Bissau foi a colónia mais maltratada pelo regime colonial, em todos os apêndices de opressão. Conseguindo uma atrofia cultural e um índice de analfabetismo que foi letal para a construção da literatura guineense em tempos coloniais. Um dos objectivos marcados por Amílcar Cabral, sobre a libertação nacional, era criar infra-estruturas culturais e de ensino para superar essa decadência. Mas esse renascimento

não foi possível, devido a muitas circunstâncias no organograma social. A Guiné de pós-independência não tem sido ajudada pelo país que a colonizou, por intermédio de infra-estruturas culturais capazes de manter a língua portuguesa, assim que os países francófonos fronteiriços ocuparam o lugar que desbotou Portugal, mas em francês. A literatura guineense em português existe, os seus escritores manifestam essa luta por normalizar uma escrita em variados campos expressivos. Mas, os avanços são lentos.

Enquanto isso, Moçambique revela uma realidade diferente...

Moçambique é um país que mostra um enorme potencial criativo, capaz de pôr a sua literatura nas recepções internacionais. Aliás de ser uma literatura retardada nos conceitos mais precisos da idiosincrasia moçambicana, como a entendemos hoje. No caso da poesia, a sua primeira expressão a fez Rui de Noronha (1909-1943). Morreu cedo, e a sua obra póstuma foi publicada depois do óbito, abrindo um novo espaço e naturalizando as essências mais legitimadoras da cultura, do mito e da antropologia popular moçambicana, como se percebe no famoso poema: "Quenguelequêce". Cumpre ler este poema-so-

"Depois de mais de quarenta anos de independência dos cinco países, cada um deles procura a sua própria individualidade como país soberano. A literatura também é soberana na descoberta das essências e valores africanos que foram negados com violência, pelo domínio colonial"

bretudo os europeus - para notar as pulsações dessa África antiga, eterna e com os pulmões bem oxigenados que emite os respiros da África toda na poética de Noronha. No que faz aos diversos ciclos da poesia moçambicana, a partir do mencionado poeta, nutre-se das mais diversas expressões e recursos criativos que conformam esse enorme leque heterogêneo de magníficas vozes que consolidam a lírica moçambicana. No que faz à prosa, podemos citar dois escritores que estão normalizados traduzidos em vários idiomas do mundo: Mia Couto e Paulina Chiziane, entre outros muitos. Sim, há muitos mais que seria muito longo mencionar, que não são uma estirpe de escritores secundários, tudo o contrário.

E São Tomé e Príncipe?

No que respeita à literatura de São Tomé e Príncipe, encontramos lá algo muito interessante, num país insular com uma população muito reduzida, da qual tinham emergido fecundos escritores, em uma terra com poticas estruturas culturais que a opressão da burguesia colonial limitou o ego legitimador das expressões culturais dos seus habitantes, prevalecendo a literatura bucólica portuguesa. Em meio daqueles contratempos, na segunda metade do século XIX, aparece a voz legitimadora de Caetano Costa Alegre (1864-1890), filho da burguesia negra e agrícola de São Tomé, foi um poeta beligerante, no sentido mais estrito da defesa dos valores são-tomenses, no que respeita à cultura e ao racismo branco. Assim o mostram estes versos: "A minha cor é negra, / Indica luto e pena; / És luz que nos alegra, / A tua cor morena. / É negra a minha raça, / A tua raça é branca, / Todo eu sou um defeito". Sua poética estava dirigida a convocar o desencanto da sociedade negra, recorrendo aos discri-

minados pelo racismo. Partindo deste precursor vemos crescer a poesia social que manifesta Marcelo Veiga (1892-1976), um poeta muito relacionado com os grandes vultos da intelectualidade de Lisboa, onde viveu por longos anos. Mas nas suas trilhas está essa fecunda reivindicação da cultura e da voz popular do seu arquipélago nativo. Neste inventário mínimo dos poetas de São Tomé e Príncipe, está a grandiosa voz de Francisco José Tenreiro (1921-1963), considerado e legitimado como um dos poetas da negritude, pelo seu livro: "Ilha de nome santo", no que se compendia a revelação dum terra e de uma das vozes mais poderosas de África, considerado o primeiro poeta da negritude dos países africanos de língua portuguesa, no projecto iniciado por Aimé Césaire, valorizando o homem e a cultura chamada de negritude. Outro dos poetas são-tomenses que merece estar nos inventários dos poetas da negritude, mas não está, é Tomás Medeiros, recentemente falecido.

Em as mulheres?

Grandes vozes femininas como a de

Maria Manuela Margarido, aquela intelectual e comprometida com a libertação das colónias da África portuguesa, em Lisboa e mais tarde desde a Sorbonne de Paris, eloquente poeta que nos convoca os perfis naturalistas e existencialistas das suas ilhas nativas. Alda do Espírito Santo, conformou uma poesia de compromisso e combate pela libertação de São Tomé e Príncipe. Mergulhada na luta desde a metrópole, foi uma das grandes personalidades da cultura do seu país. Poetas actuais como Olinda Beja, autora de "Pingos de Chuva", e Conceição Lima, autora de excelentes livros de poesia que fazem de ponte além da sua terra nativa para outros continentes, abrindo vanguardismo na poesia são-tomense. Grandes escritores em prosa que levantaram o grande monumento da literatura são-tomense, como Sum Marky, Albertino Bragança, Jerónimo Salvaterra, Frederico Gustavo dos Anjos, Aito Bonfim, Lúcio Pinto, entre outros. Esta miúda cronologia da diversidade literária dos cinco países de língua portuguesa em África, situa-nos, minimamente, no tempo e no espaço, dos câmbios so-



ANTOLOGIA

Colectânea de poesia feminina dos PALOP situa-nos no tempo e no espaço, dos câmbios sociais e culturais valorizados pelas autoras africanas

ciais e culturais que, quase sempre, os escritores adiantaram-se a revelar e valorar as circunstâncias opressoras que sofreram estes países, e marcaram caminhos certos de liberdade. Personalizando o carácter literário de cada um dos cinco, os escritores actuais estão num processo permanente de câmbio sem perder a orientação do projecto inicial e da correspondência com os valores de cada contexto. É verdade que sobre Angola não comentei, mas vou comentar.

Em que lugar em seu entender a literatura angolana se encontra, comparativamente às outras literaturas africanas de língua portuguesa? É difícil dar uma resposta concreta no tema das comparações, portanto não quero arriscar-me a dispersar a resposta ou a divagar sobre a utilidade das literaturas em cada um dos cinco países de expressão portuguesa em África. Embora, posso dizer que todas essas literaturas são óptimas, mas diferentes, e assentadas

na realidade de cada qual delas e na que estão assentados os escritores. Se a pergunta está relacionada com a hierarquia que possa ter a literatura angolana com respeito à supremacia com as outras literaturas de expressão portuguesa em África, eu teria que procurar uma resposta empírica e pragmática. Mas a grandeza das literaturas já mencionadas, justificam-se pela obtenção do Prémio Camões, que se concede cada ano a escritores da lusofonia e que vem a ser como o Prémio Nobel das letras em língua portuguesa.

Em este sentido, encontramos a concessão deste prémio a escritores de Angola, Cabo Verde e Moçambique, portanto não há dúvida que a criação literária nestes países não é menor aos registos criativos do Brasil e Portugal. Estes prémios são uma espécie de patente de consolidação destas literaturas, maiores de idade, que já formam parte do fórum dos grandes literatos dos mencionados países é de esperar que este galardão repercuta nos literatos de São Tomé e Guiné-Bissau.

"Posso valorar a literatura angolana, como uma das mais importantes de África"

P refere não arriscar a valorar a literatura angolana... Não recuso nem excluo a pergunta, posso valorar a literatura angolana, como uma das mais importantes de África e do contexto da lusofonia. Estive quatro vezes em Angola (entre 1990 e 1997), no período da guerra civil, com muitas deficiências existenciais e com uma economia bélica, mas percebi nas poucas livrarias de Luanda, a imensa produção literária e o imenso esforço da União dos Escritores Angolanos publicando livros numa situação limitada. Havia naquela altura um proteccionismo à criatividade literária dos grandes e menores escritores. Livros a preço de sal. Contando com estruturas que fizeram possível um crescimento cultural avaliado pelo proteccionismo estatal. O país cresceu em todos os géneros literários, investigações científicas e artísticas. Era visível o contraste entre a criatividade cultural e o

cenário bélico, mas não era contraditório. O movimento cultural daquela Angola, que eu vi, com poucos anos de vida independente, surpreendia. Mas, feita uma reflexão sobre aquela situação dinâmica e, talvez, corporativa em assuntos de promover um amplo espaço cultural, deu resultados no crescimento de modalidades literárias e de autores que privilegiaram as mudanças que se deram com uma literatura de vanguarda. Mas, temos que dizer que a literatura angolana tinha uma tradição, um sedimento adquirido muito sólido que erigiram esses arquitectos da palavra. Tudo isto deve-se ao Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, daqueles que proclamaram: "Vamos descobrir Angola". Proliferaram as actividades de estudantes e intelectuais; os compromissos tomaram uma orientação visível e clandestina no que se fundamenta a geração de Mensagem, que marcou um novo itinerário no compromisso de libertação nacional. Com três vozes compromissárias de uma poesia singularmente angolana, como a de Agostinho Neto, An-



CONSTATÇÃO

"Agostinho Neto, António Jacinto e Viriato da Cruz conformam os alicerces da poesia angolana na sua modernidade, nas suas variantes temáticas que este trio de mensageiros criou"

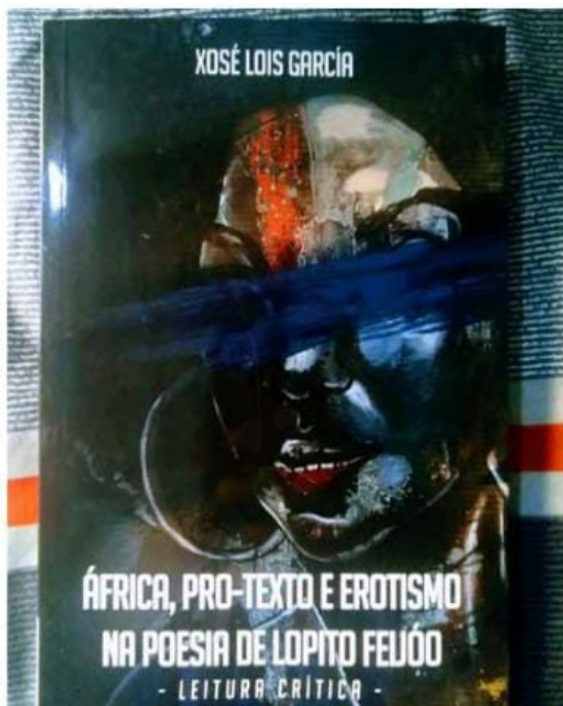
tónio Jacinto e Viriato da Cruz. Cada um deles descreveu a sociedade angolana sob a opressão do regime fascista-colonial de Salazar. Agostinho Neto no seu magistral documento poético: "Sagrada Esperança", contribuiu à emancipação dos povos oprimidos. Trata-se de uma poesia expansiva, reconhecível em qualquer parte do mundo. Com António Jacinto e Viriato da Cruz conformam os alicerces da poesia angolana na sua modernidade, nas suas variantes temáticas que este trio de mensageiros criou. Basta para concretizar essas mensagens de libertação, existencialismo, humanismo e luta no poema de Agostinho Neto: "Velho Negro"; de António Jacinto: "Castigo para o comboio malandro"; de Viriato da Cruz: "Makèzi", para nos situar em todo o que se passava em Angola e, sobretudo, para perceber o pensamento combativo nestes membros da geração de Mensagem. Daqueles tempos precários saíram estes três poetas com eficiente revelação sobre as penalidades angolanas que se inter relacionavam com outras poéticas de luta e li-

"A Geração dos Novíssimos aparece com excelentes livros de José Luís Mendonça, João Maimona, Ana Paula Tavares, Lopito Feijóo, entre outros, que vieram e aportaram uns registos poéticos inovadores, provocando uma abertura vanguardista..."

berdade de países africanos em combate contra o colonialismo.

Aliás, "A Geração de Guerrilha" é como chama estes poetas.

"A Geração de Guerrilha", título que eu dei ao apartado que aparece em "Poemas a la Madre África (Antologia de la Poesía Angolana del siglo XX)" 1992, da minha autoria, percebi na poesia de João-Maria Vilanova, Arnaldo Santos e Costa Andrade, ainda que não se detecta uma fase de transição, há nestes três poetas um protagonismo geracional que tem um valoroso impeto transcendental, nos âmbitos da luta armada que começou o 4 de Fevereiro de 1961. Não devemos negar a alta intensidade subversiva que revela um posicionamento dos poetas que dão um passo qualificativo além da geração dos mensageiros que continuaram a criar grandes poemas de combate. Mas, o poemário de João-Maria Vilanova: "Cadernos dum guerrilheiro", matiza esta particularidade de que eu dera a este apartado da mencionada antologia esta classificação. Mas, esta expressão da "guerrilha" bem a podemos incluir na geração de 70, dado que compendiam a mesma atmosfera da luta armada. Neste sentido, Carlos Hervedosa confirmou a marca do nacionalismo combativo que tem presença em toda a poesia angolana. Nesta direcção podemos aplicar algo substancial que mencionou Frantz Fanon: "O primeiro dever do poeta colonizado e determinar com clareza o tema popular da sua criação. Não pode avançar resolutamente, senão quando se toma consciência da alienação". Isto sucedeu com os poetas angolanos. Os poetas da geração de 70 clarificaram, muito bem, esta ideia fanonista. Portanto, Arlindo Barbeitos, Jofre Rocha, Ruy Duarte de Carvalho, Jorge Macedo, Manuel Rui e David Mestre consolidaram



CRÍTICA

Xosé Lois García acompanha, enquanto crítico literário, com particular atenção a poesia de Lopito Feijóo, desde o início da carreira do poeta angolano

os parâmetros da mencionada geração de intervenção, nomes que figuram na minha antologia. Realmente faltam outros poetas da mesma dimensão que os mencionados. Vemos aqui a estratificação de uma diversidade criativa que está enfocada a contrariar e combater a mensagem de assimilação colonialista.

É a mobilização para o processo de libertação nacional. No Congresso de Escritores e Artistas Negros, celebrado em Roma em 1959, dizia o líder político da Guiné-Conakry, Sekou Touré: "Não há lugar fora desse combate único, nem para o artista nem para o intelectual que não esteja comprometido e totalmente mobilizado com o povo e no imenso combate de África e da humanidade que sobre". Portanto a cumplicidade desta geração cumpriu com várias fases de implicação com o povo mobilizado. Estes poetas estavam alimentando e ampliando o processo popular de libertação nacional.

Continuando com essa potencialidade geracional da poesia angolana, que clarifica tantas firmezas da originalidade e singularidade literária que se deu e continua dando, de uma maneira emergente, é preciso verificar a geração de 80, correspondente à década de 1980, que na minha antologia denominei: "Geração dos Novíssimos", que sobressaíram de um cenário complicado pela guerra civil e no período pós Independência, com marca própria

e abrindo novos conceitos estilísticos em que a realidade social, política, económica e cultural estavam subeditadas a um economicismo bélico. Em 1980 - a um ano da morte do Presidente Agostinho Neto - criam-se as Brigadas Jovens de Literatura, desde instâncias institucionais. Aqueles moços brigadistas estavam muito posicionados na poesia do Presidente falecido, sem meditar que Agostinho Neto não houve mais que um só, e a sua poética era irrepetível e difícil de imitar ou superar. Ademais os conceitos éticos e estéticos eram bastante parecidos aos das gerações anteriores. Mas, a Geração dos Novíssimos aparece a partir de 1984, com excelentes livros de José Luís Mendonça, João Maimona, Ana Paula Tavares, Lopito Feijóo, entre outros, que vieram e aportaram uns registos poéticos inovadores, provocando uma abertura vanguardista que abriu janelas a muitos espaços da inventiva poética angolana.

Conseguiram ter uma voz importante na sociedade. Claro. Todas estas gerações de poetas, no perfil de resgatar a cultura na descoberta da idiosincrasia angolana, a literatura angolana actual é um dos grandes monumentos em que se vê a sociedade angolana. Autores em prosa, como Castro Soromenho (1910-1968), nascido em Moçambique, filho de colonos e funcionário público em Angola, no seu percurso literário fez uma cróni-

ca de descoberta de Angola, manifestada no seu livro: "A maravilhosa viagem dos exploradores portugueses". Aportando uma visão realista dos acontecimentos das explorações coloniais. Uma interessante incursão vista desde dentro do autoritarismo administrativo colonial. O seu relato continuou nos romances: "A chaga", "Terra morta" e "Viragem". Uanhenga Xitu, Luandino Vieira, Pepetela, Henrique Abranches, entre tantos outros não deixam de ser os artefactos desses enorme monumento. É prodigioso ver a literatura angolana como tem florescido no contraste desses desassossegos e perturbações bélicas de longa duração. Algo insólito, portanto, a literatura angolana, em todos os seus géneros mostra a sua potencialidade mais singular das literaturas africanas.

Que relação comparativa se pode estabelecer entre as outras literaturas de expressão francesa e inglesa africanas?

Não tenho reparado bem nisto por falta de uma informação actualizada. Ainda que as comparações me parecem horripantes, não deixarei de insistir sobre as condições verificáveis sobre o que repara o tempo e o espaço, para o que processam cada uma destas literaturas, ainda que eu seja uma pessoa que não gosta de mexer nas estatísticas seria bom concorrer a elas e, também, a opiniões divergentes. Acho que o colonialismo literário luso, francês e anglófono foram diversos em seus comportamentos. O colonialismo português mostrou a cara mais monstruosa dos seus esbirros, num modelo medievalista que praticou o regime fascista de Salazar. O francês, a mais de ser despótico mostrou um rosto de atracção literária para introduzir a sua literatura nacional, como elemento de alienação. Mas, aqui o escritor nativo teve a ocasião de valorizar a sua

própria cultura e iniciar o caminho certo de encontrar-se com si mesmo. O colonialismo inglês em África mostrou uma pirâmide de elementos criminosos, como o Apartheid em África do Sul, Zimbábue (a antiga Rodésia), onde a literatura dos escritores negros era reprimida de uma maneira muitocrúel. Neste caso as pirâmides literárias mostram diversos níveis de opressão, desde uma moderação muito simplista e nada inocente até uma radicalidade sanguinária. A literatura anglófona mostrou o seu lado trágico quando os agentes da colonização a fizeram servir como elemento de alienação, introduzindo formatos costumeiros da metrópole, desde os tempos da rainha Vitória.

As circunstâncias moldaram de forma única estas literaturas?

Claro. Não podemos fixar um relato comparativo a estas três literaturas com incidência em África, dado que os processos e os contextos foram na sua origem e no seu desenvolvimento e finalidade diferentes e desiguais. Onde vemos mais afinidade e na solidariedade entre todos os países na luta de libertação nacional e, também, em certa estratégia revolucionária. Mas o espólio colonial efectuado por franceses e ingleses, mostra a valorização que eles tinham pelas artes africanas, essa rapina monstruosa a podemos observar no Musée du Louvre de Paris ou no British Museum de Londres. Portugal também conta com grandes colecções de arte africana em museus públicos. O espólio os faz coincidir. Na literatura, sem dúvida, há elementos e relações que convivem e aproximam-se quando mostram elementos comuns quando se escreve de problemas sociais e existenciais comuns. Há que distinguir e matizar, nas literaturas africanas em linguas europeias, às que pertencem aos países africanos do mediterrâneo e do Magreb, de cultura e etnia árabe, com as culturas e etnias negras, para evitar englobá-las. Insistindo que são dois universos muito distintos e por vezes contrapostos.

Que relação comparativa se pode estabelecer entre as outras literaturas de expressão francesa e inglesa africanas.

Não saberia definir bem essa relação. Detesto comparações. Pode ser que encontremos similitudes, definições de certos contextos que possamos apreciar na literatura

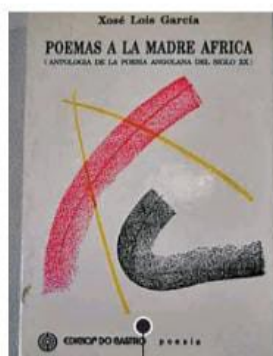
em língua portuguesa com o que se escreve e se tem escrito nas literaturas africanas de expressão francesa ou a inglesa. Não podemos negar a acção do difusionismo que percorreu geografias e transmitiu tendências, tanto nas artes como nas letras. Não tenho uma análise certa sobre as relações e vínculos para eu poder valorar esta questão de uma maneira profunda.

Quanto à crítica literária como é que tem visto esta componente dos estudos literários africanos, nomeadamente de línguas portuguesa, francesa e inglesa?

A pergunta é para mim de um tal desafio que não tenho suficientes argumentações para ter um juízo do que se passa com a crítica literária nestes três blocos literários em África. Angola tem críticos de enorme altura e de longa permanência, como é o caso de Luís Kanjimbó, que já conforma escola de crítica para quem possa continuar. O *Jornal Cultura*, que já foi dirigido por José Luís Mendonça, mostra valiosas críticas literárias. Entre outras publicações que avaliam a alta qualidade que está a crítica literária angolana, entre outros jornais. Portanto, o que se faz de crítica literária em Angola dá a dimensão no que respeita à qualidade e quantidade de que certas infra-estruturas estão a funcionar. Não sei se isto o podemos extrapolar aos outros países de literatura portuguesa em África. A crítica literária das literaturas de expressão francesa em África, tenho poucas notícias dela. Mas a crítica e as publicações francesas na metrópole não ignoraram o que se fazia nas suas ex-colónias. Há referências que não devemos esquecer como a revista "Présence Africaine", que não só publicava sobre a literatura africana de expressão francesa, também sobre autores africanos de expressão portuguesa. Michel Laban, catedrático e especialista das literaturas africanas na Université Sorbonne Nouvelle de Paris, entrevistou vários escritores dos cinco países africanos de língua portuguesa, recolhidas em oito volumes, explicando, categoricamente, o interesse e a mobilidade da crítica e de tantas outras referências no que se destaca à literatura africana em França.

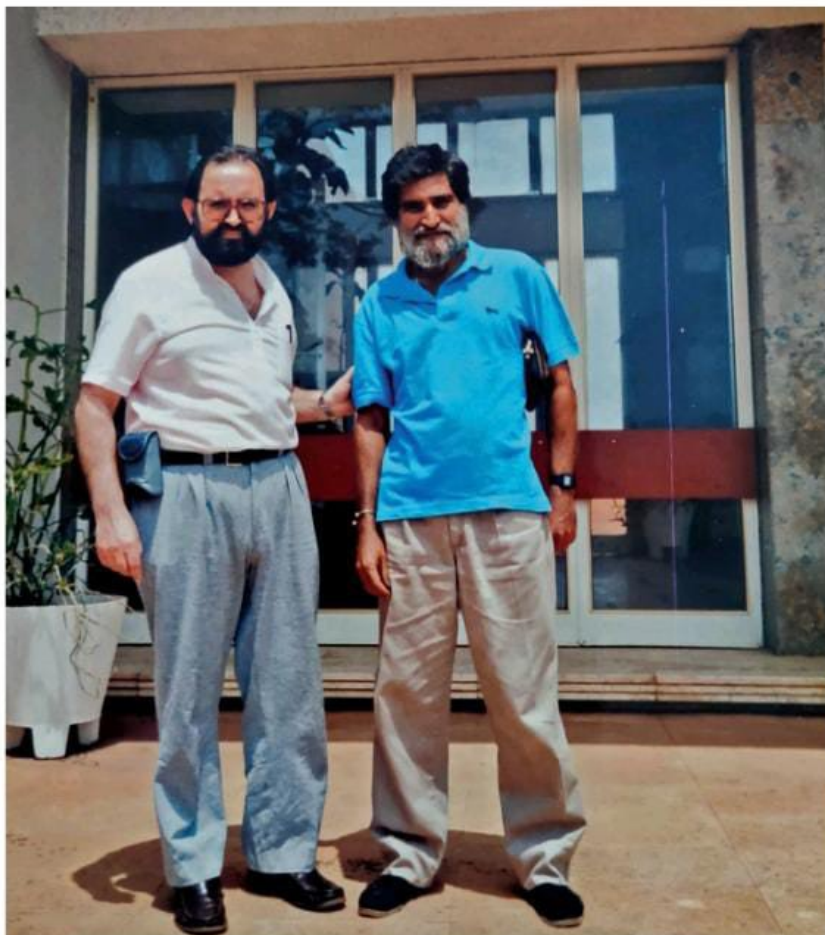
Em relação aos países africanos de língua portuguesa, qual deve ser o papel das universidades, para a profissionalização ou consolidação da crítica literária? Pronto, as universidades e outros

centros académicos são fundamentais para esclarecer e potenciar a aprendizagem em muitos campos de dimensão literárias, como são a Filologia e na crítica. Estas duas disciplinas podem conformar a maior relação interdisciplinar para incorporar outros estudos intermédios. Sem dúvida, a crítica literária é precisa para desenvolver um papel fundamental nos diversos campos da comunicação. Não estou seguro que nos países africanos de língua portuguesa em África tenham chegado a consolidar efectivos no que respeita a uma crítica com pulmão e respiração própria. A literatura africana em português conta com grandes e reconhecidos criadores e por todos é sabido esta eloquente realidade, mas para não dizer que estão numa idade dourada. As idades douradas, sustentam-se não só pelo escritor, também por infra-estruturas como são as universidades, estudando a todos os níveis a criação literária do seu próprio país; com editoriais que mantenham um projecto amplo na produção literária a todos os níveis, e com publicações de autores estrangeiros; ter um mercado exterior bem desenhado para a produção do livro; contar com uma crítica especializada capaz de fomentar e corrigir os diversos estados da produção do livro e promover literatos; normalizar livrarias que sejam capazes de fomentar a leitura por redes informáticas e ter uma formação para informar ao leitor dos conteúdos de cada livro que tem em depósito. A profissionalidade do livreiro é algo muito importante para a expansão do mercado editorial.



COLECTÂNEA

A antologia "Poemas a la madre Africa" é uma das obras mais referenciadas no seu país



Xosé Lois García e Pepetela na União dos Escritores Angolanos

"A poesia não deixa de ser e manifestar o grande milagre das literaturas africanas"

E isto está a faltar...

Quando estas questões estiverem resolvidas no campo da literatura africana podemos começar a falar do início de uma época dourada. Parte dessas deficiências e moratórias precisam duma mudança, em boa parte destes países há um certo progresso. São países novos saídos das contradições do colonialismo, de lutas armadas e guerras civis. Quarenta anos de independência não são suficientes para alterar velhos costumes e formatos viciados do colonialismo. Mas no caso de Angola, com respeito a este tema, fomentou um ritmo idóneo e normalizar dessa situação. A expansão e o acolhimento dos literatos destes países, tiveram que utilizar, curiosamente, as editoras portuguesas que serviram de ponte para a publicação de seus livros. A Editorial Caminho de Lisboa foi uma dessas utilidades onde

muitos escritores africanos começaram a publicar. Por outro lado, os maiores estudos das literaturas das cinco nações africanas de língua portuguesa, a nível universitário, deram-se e prosseguem dando-se nas universidades brasileiras, que contam com departamentos de estudo sobre os países africanos e com excelentes professoras e professores, que fornecem extraordinárias teses doutorais e publicam revistas de crítica literária, que privilegia o que se passa com a literatura destes países africanos, quando contam com infra-estruturas comparáveis às que tem o Brasil.

Podemos falar em termos literários de angolidade, moçambicanidade, caboverdianidade nestas literaturas? Sem dúvida. É preciso falar com autoridade destas literaturas não só de pequenos matizes, também da sua enorme singularidade de criativa. Nesta direcção não

esqueçamos as literaturas guineense e são-tomense. Como diz anteriormente, a de São Tomé e Príncipe é uma das mais importantes dos cinco. Seria muito importante aceitar a singularidade dos cinco dentro da diversidade. No contexto literário cada escritor explica e expõe a realidade de seus próprios países, muito diferente uns dos outros, ainda que a língua veicular da literatura seja a mesma. Quando falamos de angolidade, moçambicanidade etc., estamos assinalam esse nacionalismo nada reducionista, e propulsor dos atributos mais expressivos e normativos que definem uma nação. As fronteiras da nação marcam o idioma que dentro delas se fala. Sabendo que as fronteiras das actuais nações africanas foram demarcadas por interesses económicos, dividindo culturas e etnias. Mas, nesse formato mantêm-se a pluralidade que cada escritor expressa sobre os diversos âmbitos da sociedade que a sua literatura recolhe e

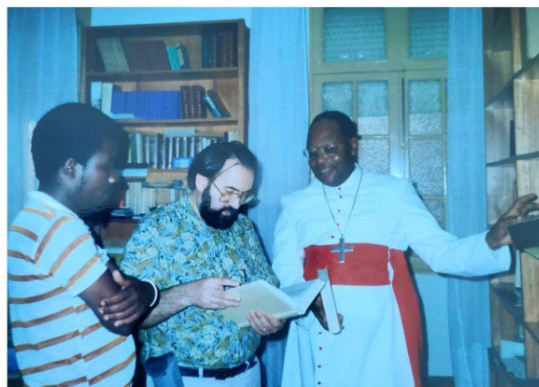
manifesta, marcando a personalidade integral do que denominamos angolidade, moçambicanidade, caboverdianidade, etc.

Hoje com a liberalização do mercado, existem algumas editoras. Qual deve ser o papel delas, com vista a tornar o mercado literário mais competitivo?

Não percebo muito bem a logística quanto aos mercados e a liberalização deles. Mas, há uma realidade macroeconómica que está a integrar editoras importantes. Isto é o que acontece na Europa e em grande parte no mundo Ocidental, onde havia editoras especializadas em várias temáticas, com vida própria e programação extensiva, que sucumbiram ante um novo cenário imposto pelos monopólios capitalistas. Podemos observar em numerosas editoras que foram engolidas por estes monopólios do livro, que continuam a exercer o mesmo nome mas a sua logística e a sua liberdade de acção tem trocado de movimento. Agora, quem marca os limites, os tempos, os espaços e as preferências é o consórcio económico dessas multinacionais do livro. E isto, não é bom porque tratam de integrar ao escritor numa dinâmica de mercado programado, onde se move muito dinheiro que chega também ao escritor, mas perde a sua liberdade de expressão. Já há escritores programados por estas editoras que escrevem em função do interesse económico que aportam certos feitos de actualidade que precisam de difusão partindo dos interesses económicos que interessam ao editor. Portanto, a especulação destas multinacionais limita o escritor, também, na sua liberdade criativa.

De que forma?

Neste sentido devo mencionar algo que pode ter relação com o escritor dirigido. No colóquio Internacional: "Que Estados, que Nações em Construção nos Cinco", celebrado em Cabo Verde de 21 a 23 de Março de 1996. O meu relatório titulara-se: "Críticas a um suposto dilema intelectual". O conceito intelectual abarca muitos aspectos onde está integrada muita gente como os escritores que conformam a realidade do livro. Retomo o seguinte texto daquela conferência: "Realmente o intelectual alienado e mediatizado pelas classes dominantes, em que ele ocupa um lugar privilegiado em relação à grade massa, não deixa de prestar vassalagem a quem lhe criou privilégios. E, esta é a primeira fatalidade que têm que pagar os que renunciaram a ser fiéis à *intelligentsia* e que a trocaram por um miserável atributo de

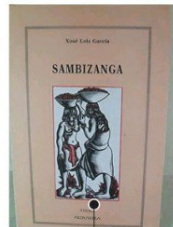


Lopito Feijó, Xosé Lois García e cardeal

falso intelectual. E, enquanto o intelectual saído e impregnado dessa *intelligentsia* não cria condições perfeitamente dinâmicas para facilitar uma redonda negação aos contravalores que o alienam e escravizam, e não faz um inventário sobre os problemas que atingem a sociedade ou ser parte da solução sem renegar as classes dominantes e de seus esquemas e símbolos, tanto éticos como estéticos, está mutilando a sua liberdade de dizer a verdade". Este discurso de há vinte três anos, tem sido superado pela realidade actual com o que acontece actualmente com registos dos escritores que convivem com esse organograma dos grandes monopólios editoriais que nos ofereceram sucessos imprevisíveis.

Quais são em seu entender, os géneros literários que mais se pontificam nos países africanos de Língua Portuguesa?

É complicado saber as preferências do leitor se as livrarias não contam com uma estatística dos géneros literários que se vendem. Mas isto tem mudado muito em África dado que a introdução do computador e Internet podemos saber muitas coisas do consumidor de livros e de seus gostos e preferências. Aqui na Europa é fácil saber, porque tudo está informatizado. E, não é difícil fazer um cômputo global de um país determinado. A demanda dos géneros literários estão em função de muitos contextos e não de um modelo homogéneo. Num período de crise económica há a tendência de retraimento. O leitor compra aqueles livros funcionais e



SAMBIZANGA
Xosé Lois García dedicou vários estudos a temas angolanos

imediatos, de carácter técnico que respondem à profissão dos usuários. Chamemos literatura funcional ou de aprendizagem. E, os que nos pontificam é a poesia e os romances, considerada literatura de evasão. Estou a falar do que acontece no mercado do livro europeu, concretamente no espanhol. Não sei se isto acontece nos países africanos, possivelmente acontece. Acho que as conotações entre um lado e o outro são diferentes. Ainda que a poesia foi a privilegiada nestes países de língua portuguesa, implicando-se em temas humanistas e de supervivências, na resistência e na luta de libertação nacional. Muito integrada nas necessidades

que tinha a população.

De que forma é que a poesia foi a privilegiada?

Reparemos no seguinte: tem-se falado muito da poesia de confronto ou revolucionária que se fazia no mato, por guerrilheiros contra o exército colonizador em Angola e Moçambique, por pessoas populares semianalfabetas que escreveram poemas marcados por um sentimento de liberdade e contra a opressão, que pode não ter um interesse literário e menos estilístico, mas manifestam aquela coragem e força estruturada por um pensamento radical nada rudimentar que tinham grandes apelos comunitários de liberdade. Claro que estes poetas não estavam à altura de Agostinho Neto, António Jacinto, José Craveirinha e Noémia de Sousa etc. Mas, os que faziam poesia no mato guerrilheiro valoravam mais o economicismo ético que estético, ainda que este último, era um elemento bastante desconhecido para eles. Portanto era um género literário interessante que não se valorou o suficiente o verdadeiro valor que tinha o panfleto poético. A relevância do panfleto poético revelou muitas realidades do processo da luta de libertação nacional. Isto não pode ser ignorado e menos os seus executantes, que desconhecendo o complicado do que é fazer poesia, é evidente que não tivessem uma preocupação literária e sim uma capacidade emergente de fazer prevalecer a contundência da poesia útil, tal como eles a conceberam e trataram. E, isto merece ser reconhecido como género literário.

Fale-nos um pouco da participação da mulher neste período...

No período daquelas contendas a participação das mulheres foi muito decisiva nas vanguardas e retaguardas. A mulher africana, com mais trabalho e responsabilidade que os homens, não podemos esquecer delas essa coragem heroica que fertilizaram a liberdade nas suas terras. Elas com a voz em grito fizeram poesia emergente e de combate. Na "Antologia da poesia feminina dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa)" 1998, da minha autoria, estão representadas dezasseis vozes femininas angolanas, sete caboverdianas, quatro guineenses, oito moçambicanas e quatro santomenses. Com Delinda Rodrigues e Josina Machel, de Angola e Moçambique, respectivamente, mortas em combate, representam as muitas outras poetisas combatentes que escreveram poesia, numa posição de inferioridade ao homem, no espaço literário. Não podemos entender África sem essas mulheres corajosas que estão sempre na teima e na vertigem de fazer tantas coisas de utilidade ao mesmo tempo. As suas acções precisam de um enorme monumento que se reconheça os seus trabalhos e as suas dores.

Que lugar ocupa a poesia no naípe das literaturas africanas de Língua Portuguesa?

Um lugar de plenitude e liberdade criativa. Assim é como podemos ver o naípe, no qual persevera a rigorosa mudança e a personalização na qualidade que mostram os excelentes escritores dos cinco. Alguns deles virados para o que se faz na poesia europeia ou brasileira. As referências emanadas da África negra, que são muitas, há que as salvaguardar com sumo cuidado e valentia. Façam o favor de emancipar-se e emocional-se, com as cores, os cheiros e com as vozes naturais da Mãe África, dadora de tantas surpresas que os mais velhos amaram e espalharam as suas tradições sem renúncia. É preciso não estragar o naípe dos escritores africanos, dos que contam contos nas línguas tradicionais africanas, que cultivaram o mais inédito da alma africana e continuam cultivando. Sem esta riqueza que emerge do telúrico e conforma uma antropologia tão útil para reconhecer-se nessa África profunda, na que muitos poetas extrairam o vital das suas essências, e transplantaram no naípe grandiloquente da soberania desse naípe poético. A poesia não deixa de ser e manifestar o grande milagre das literaturas africanas de língua portuguesa.